



## FATOS E (E)FEITOS DA FALA DIVERGENTE: QUESTÕES PARA A AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM<sup>1</sup>

### FAITS ET EFFETS DE LA PAROLE DIVERGENTE: QUESTIONS POUR L'ACQUISITION DU LANGAGE

Rosa Attié Figueira<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo analisar a produção da criança como um estado de língua marcado pela heterogeneidade, domínio que convida a levar em conta a teorização saussureana, já que não se pode penetrá-lo sem "tocar com o dedo o jogo do mecanismo linguístico" (CLG: p. 192). Dedicado aos fatos linguísticos bem como a seus efeitos no diálogo com o interlocutor (predominantemente um adulto), procuramos, através de uma observação longitudinal explorar, no quadro da elaboração teórica de De Lemos (2002), o que é a fala da criança, enquanto acontecimento de um sujeito capturado pela ordem da língua, movimento pleno de *inovações*. Algumas são previsíveis, outras, inusitadas, elas tocam limites consolidados da língua, num funcionamento que se manifesta em ocorrências que podem surpreender os ouvintes, qualificadas até como engraçadas (o riso como efeito). A evidência empírica disponível (morfologia verbal e nominal) mostra que a reflexão que se depreende da doutrina teórica de Saussure participa da variação transbordante tanto quanto da *perda, esquecimento* estrutural dessa variação – um declínio nas formas destoantes, no percurso da criança, podendo atestar uma ordem relativamente estável. Estável, porém, não imutável. No que diz respeito a flexão verbal, indagamos sobre o *lapsus linguae* da fala adulta, visto como irrupção momentânea de uma combinação esquecida da língua.

**Palavras-chave:** aquisição da linguagem; mecanismo da língua; inovações.

**Résumé :** Cet article a pour but d'analyser la production des enfants en tant qu'état de langue marqué par l'hétérogénéité - un domaine qui invite à prendre en compte la théorisation saussurienne, puisqu'on ne saurait le pénétrer sans « toucher du doigt le jeu du mécanisme linguistique » (CLG : 227). Consacré aux faits linguistiques ainsi qu'à leurs effets dans les dialogues avec l'interlocuteur (la plupart du temps un adulte), nous essayons, dans le cadre de l'élaboration théorique de De Lemos (2002), d'explorer la parole de l'enfant comme événement d'un sujet pris par l'ordre de la langue, dans un mouvement plein

---

<sup>1</sup> Este artigo procede originalmente de uma mesa-redonda, no Encontro de Aquisição da Linguagem (2012), na vigência de pesquisa apoiada pelo CNPq. Nossos agradecimentos à instituição, pela bolsa usufruída naquela data e em pesquisas subsequentes, sob os títulos: "A contribuição da teoria saussureana para a análise da fala da criança" e "Empíria e teoria na Aquisição de Linguagem: alguns domínios em perspectiva". Aos pareceristas anônimos da revista, igualmente os agradecimentos.

Numa aproximação com a reflexão saussureana, exploram-se neste trabalho os movimentos singulares que afetam a palavra, sem perder de vista a mudança que conduz a fala infantil a um estado relativamente estável – desdobramento da pesquisa, que inclui considerar distintas *posições* do sujeito no processo de se tornar falante. Em "Fatos e (e)feitos da fala divergente: questões para a aquisição de linguagem", é com a criança que ilustramos em que medida *inovações neológicas* invadem o cenário dos 2 a 5 anos de idade, no processo de captura do português-língua materna – movimento caracterizado pela variação: em nomes de profissão, por uma *ciranda de sufixos*; em verbos, por um estado de língua sujeito a formas divergentes quanto à classe de conjugação. Quanto à fala adulta, no vasto campo que se abre à investigação de neologismos, o leitor encontra no vol. 64 dos *Cadernos de Estudos Linguísticos*, um artigo de autoria de D. Nhatuve sobre inovações nos adjetivos do português de Moçambique.

<sup>2</sup> Professora titular aposentada colaboradora do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, SP, Brasil. [rosattie@yahoo.com.br](mailto:rosattie@yahoo.com.br).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0388-7132>

d'*innovations* (métrologie longitudinale). Quelques-unes seront prédictibles, d'autres, insolites, touchent aux limites consolidées de la langue. Un tel renouvellement se manifeste par des occurrences qui peuvent surprendre les auditeurs, à tel point qu'on pourrait les qualifier d'étranges, voire de drôles (le rire en tant qu'effet). L'évidence empirique disponible (morphologie verbale et nominale) nous fait voir que la réflexion qui se dégage de la doctrine théorique de Saussure participe autant de la variation débordante que de la *perte* (l'*oubli structurel*) de cette variation – un déclin des formes débordantes (ou variations flexionnelles discordantes) dans le parcours de l'enfant attestant un ordre relativement stable. Stable, mais non pas immuable. Concernant la flexion verbale, on s'interroge sur le *lapsus linguae* dans la parole de l'adulte, en tant qu'irruption momentanée évoquant chez l'adulte une combinaison tombée dans l'oubli de la langue.

**Mots-clés:** acquisition du langage; mécanisme de la langue; innovations.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Observar a fala da criança em produções divergentes leva-nos a fenômenos cuja complexidade e densidade permitem apreender os mecanismos em jogo quando se tem uma língua e um sujeito: aquela, anterior a ele; este, em vias de ser por ela capturado – cenário que se apresenta a uma abordagem cuja elaboração teórica devemos a Claudia de Lemos<sup>3</sup>. A expressão “esforço de teorização” procede da própria autora, como lembram Lier-DeVitto e Carvalho (2008), ao expor a proposta que acolhe e explora o chamado “erro”, como continua por muitos a ser chamado<sup>4</sup> – cenário empírico que rende discussões relevantes à área, no percurso de cada criança com sua língua materna. Em nossos estudos, marcado por este dado de eleição, o presente trabalho volta-se à estrutura da palavra.

Sem abandonar o recorte mais amplo que contempla o ato de fala no interior de um diálogo, assumido como unidade de análise, privilegiaremos enunciados que encerram operações básicas da linguagem, a nomeação e a predicação, aptas a expor a língua em movimento em produções ora previsíveis ora inesperadas e até bizarras – seleção que ultrapassa o leque de exemplos comumente tratados na literatura como procedentes de *overextension*. Em perspectiva, um aproveitamento dos fundamentos seminais da teorização saussureana, a partir do Curso de Linguística Geral e dos Escritos de Linguística Geral (daqui em diante, CLG e ELG). Interessam-nos os “erros” morfológicos que, sob uma variação transbordante, transcorrem ao toque de relações, singulares em cada percurso, bem como sua perda, dois processos que importam descrever como fatos estruturais, consequentes à captura do sujeito pela língua.

Por outro lado, conforme acreditamos, abordar a fala divergente da criança não nos dispensa de considerar seus efeitos no interlocutor, e mesmo na própria criança; pois, conforme se sabe, os diálogos encerram autocorreções, reformulações e outras retomadas, algumas até de efeito chistoso. Deste modo, é parte da tarefa surpreender aquele momento em que a criança, mostra-se sensível a seu próprio dizer, evidenciando uma escuta para a própria fala. Convém dizer que o termo escuta passa a ser empregado no sentido que tem em De Lemos (2006), quando a autora busca reconhecer uma “face do processo de subjetivação, aquela relacionada à posição em que o polo dominante é o sujeito falante” (op. cit: 30)<sup>5</sup>.

A base empírica deste artigo é constituída por episódios de fala entre dois e cinco anos de idade. Uma parte toca a derivação nos nomes (seção 2.1), outra, os lineamentos das conjugações verbais (seção 2.3), em ocorrências singulares. Não nos

---

<sup>3</sup> De Lemos 1995, 1992, 2002, 2003, 2006, entre outras publicações.

<sup>4</sup> *Variantes, desvios, ocorrências divergentes* são termos que se apresentam em substituição a *erros*. Propusemos “ocorrências divergentes”, expressão utilizada em publicações sobre o tema.

<sup>5</sup> Denominada *terceira posição* (ver De Lemos 2002).

limitamos aos fatos e, contemplando efeitos dos atos de fala, interessou-nos um deles, o riso (seção 2.2).

Serão apresentadas ocorrências provenientes, em maior número, dos *corpora* de duas crianças, observadas longitudinalmente, mas não exclusivamente. A título de ampliar e aprofundar a discussão sobre os tópicos acima, incluímos, além de achados de J e A, outros, de Al, De e Da, acrescentados à pesquisa. O conjunto permitirá não deixar a descoberto nem fato nem efeito.

Um esclarecimento sobre a metodologia. A e J foram observadas pela própria pesquisadora, suas falas recolhidas em registros diários, entre 2;8 e 7 anos de idade (A) e entre 2 e 5 anos (J). Da primeira conta-se, com sessões gravadas, do acervo do projeto “Aquisição da Linguagem Oral”, depositado no CEDAE. Compõem o exemplário peças de Al, cujo diário (1;3 a 4;1), feito pela mãe, a linguista Daniela Marini-Iwamoto, foi a mim generosamente cedido. Ainda, extratos de duas meninas: Da, recolhidos em Pereira de Castro (1992); e De, de quem chegou-me material, via relato de família.

Algumas informações sobre as notações convencionais: cada excerto começa com informação sobre o contexto, entre parênteses. O interlocutor da criança é referido pela inicial (M, para mãe, ou Inv para investigadora). A idade da criança é referida no final do episódio, da maneira usual: em ano, mês e dia.

Feitos estes esclarecimentos, justifiquemos o título do artigo. No exame do material, dado nosso propósito de privilegiar o fato linguístico, num jogo de parentetização<sup>6</sup>, extraímos *feito* da palavra (e)feito; pois é desse material, os feitos de língua, que a pesquisa sobre a fala da criança se alimenta, sem fechar os olhos para seus efeitos. O panorama empírico resgata assim os diaristas (ver Delefosse 2010), cujas anotações revelam a sensibilidade ao universo da fala da criança. Deste modo, entre os dados da pesquisa de hoje, alguns remontam não só à observação aguda de Saussure, mas a outros, procedentes de Sully ou Jespersen – para citar apenas um psicólogo e um linguista, entre aqueles que se interessaram por recolher extratos da fala infantil, antes mesmo do nascimento oficial da área Aquisição de Linguagem.

## 2. ANÁLISE E DISCUSSÃO

### 2.1. No tecido da língua, a fala da criança. Alguns exemplos.

O reino das palavras na infância compõe um cenário onde circulam inovações, das mais banais às mais difíceis de aclarar – panorama entrevisto por Saussure, sensível ao fato e ao efeito – como fica claro, aliás, na passagem da segunda conferência de Genebra, em que convoca a escutar na fala da criança de três a quatro anos: “ (...) verdadeiro tecido de formações analógicas, que nos fazem sorrir, mas que oferecem em toda a sua pureza e candura, o princípio que não cessa de agir na história das línguas” (ELG: 139-140).

O exemplo atribuído à criança: *venirai* (em lugar de *viendrai*), leva o genebrino a se perguntar: *como je venirai?* Na resposta, ele assinala os elementos de que *venirai* se constitui, com a menção ao cálculo das proporções: *punir : punirai = venir : venirai*, fenômeno pelo qual *venirai* torna-se simétrico a *punirai* (ou a *finirai*, *partirai*...). A inovação *venirai* não seria possível a não ser com a presença de: *punir*, *punirai* (ou outros,

---

<sup>6</sup> Em alguns outros pontos do texto, ousamos (pelo recurso ao hífen), na escrita de certas palavras, para as quais julgamos oportuno despertar a atenção para o potencial de significação que encerram (ver, adiante: *extra-vagantes*, *sub-linhada*, *des-cobrir*).

similares). Completa: não se tem uma criação *ex nihilo*<sup>7</sup>. Cabe então a pergunta: o que haveria de propriamente criativo ou inédito no fenômeno analógico? Neste quadro de explicação, a analogia não é propriamente um elemento de ruptura, mas até certo ponto de conservação. O que parece inovação é tão-somente uma forma possível, graças à aproximação com outras que já existem na língua. No CLG, outra referência às formações analógicas, aquela que nos interessa aqui: “a linguagem das crianças está cheia delas” (1971: 196).

A Jespersen não passou despercebido tal fenômeno, bem ilustrado em:

I once heard a French child say “Il a pleuvy” for ‘plu’ from ‘pleuvoir’. Other analogical forms are *prendu* for ‘pris’; *assire* for ‘asseoir’ (from the participle *assis*), *se taiser* for ‘se taire’ (from the frequent injunction *taisez-vous*) (Jespersen 1968: 130).

No caminho aberto por tais exemplos poderíamos passar logo a predicções exibindo formas verbais, que se cumprem por aproximações com outras, no percurso da criança com o português. Antes de ingressar neste cenário, concedamos espaço a algumas criações sobre nomes, formados por sufixo, que não condiz com o esperado para aquela designação.

- (1) (Observando um quadro na parede da casa, J diz ao pai)  
J. Quem pintou este quadro, pai? Deve ser uns *pinteiros*, né? (3;11.10)
- (2) (A e J, as duas irmãs, estão a poucas horas de viajar; a mãe conversa com J)  
M. Cê vai dormir no bercinho?  
J. Vou.  
M. É?! Mas cê não é nenê mais.  
J. Mas eu durmo assim mesmo.  
M. Hein?  
J. Mas eu durmo. (ao repetir modifica a voz)  
M. Cê dorme assim mesmo?  
J. Durmo! Eu sou bamba!  
M. Hein?  
J. Eu sou *dormideira*, *dormideira*.  
M. Cê é uma/ uma dormideira?  
(neste ponto, é A, 7 anos, quem responde)  
A. Cê é uma *dorminhoca*. (4;8.4 de J; 7 anos de A)

Consideremos a inovação *pinteiros*. De onde procede? De outros nomes, alinhados no eixo *in absentia*, pelos quais passou a nova formação – respondemos, ao notar que a nomeação *pinteiro* (em vez de *pintor*) convoca o alinhamento com itens como *pipoqueiro*, *lixeiro*, *sapateiro* etc. O produto? Um desvio que os linguistas tendem a chamar de uma violação de RFP (regra de formação de palavra), já que deverbais tomariam -or e não -eiro (*pintar* – *pintor*; *nadar* – *nadador*, *vender* - *vendedor* ...). Impressiona ou perturba os ouvidos de quem escuta (não necessariamente de quem fala, a criança) a ocorrência que apanha um sufixo não previsto numa gramática “bem-comportada”. Há, então, um aparente “descaminho”. Contudo, o que precisa ser destacado é que tal produção só pode ser recebida como efeito de um mecanismo que,

---

<sup>7</sup> O apelo saussureano ao funcionamento matemático da quarta proporcional aproxima a Linguística das ciências que satisfazem os critérios de literalização, correspondentes à ciência galileana (Bouquet (2004), ao citar Milner).

produzindo forma onde repousa certa relação (*mise en rapport*), se sustenta enquanto signo, entretecido numa malha que convoca elemento(s), de resto, da língua, ou, se melhor, do tesouro da língua. Na fala da criança, palavras relacionáveis pelo sentido (como são os nomes de profissão) se entrelaçam, alheias às propriedades que as definem categorialmente, consideradas como objeto já constituído (a língua do adulto).

Considerar este passo como governado por relações, parte integrante do mecanismo da língua no percurso da criança com a linguagem, levou-me a optar pela expressão francesa *mise en rapport*<sup>8</sup>, porque encontro nela os contornos de um movimento capaz de relações que tocam em limites consolidados da língua do adulto.

Esta possibilidade atenderia uma demanda já enunciada por Lier-DeVitto, a partir do que assinala Milner (1989) acerca da distância entre dados e objetos da teoria. Se em vez de partir de construtos teóricos que se aplicam à fala (relativamente) estável do adulto, percorrermos a trajetória da criança, sob inspiração de ocorrências desafiantes como (1) (e outras adiante descortinadas), temos a chance de corresponder mais apropriadamente a um compromisso da proposta de Cláudia Lemos, qual seja, o de tomar distância da concepção da criança “como um sujeito diante da língua como objeto” (De Lemos 1995: 27), objeto cujas propriedades lhe seriam imediatamente acessíveis, em padrões recortáveis por regras.

Saussure oferece um terreno teórico-descritivo capaz de fazer frente a este compromisso, oferecendo aos produtos que constituem inovações (o fato), uma explicação no bojo de um funcionamento linguístico aberto a relações.

Frente a achados tão diversos quanto desafiantes, este artigo pode ir além do observatório da infância e mostrar que uma inovação em -eiro pode estar presente na criação literária. Em aliterações, segmentos da cadeia sonora se fundem ou se interpenetram: *Pedro pedreiro penseiro esperando o trem / Manhã carece parece de esperar também* (Buarque de Holanda)<sup>9</sup>. Mas também estão a proveito de distinções semânticas em improvisações que afloram muitas vezes para marcar uma distinção de sentido<sup>10</sup>.

Voltando aos achados da infância, o episódio (2) oferece bom espaço de observação para fato e efeito. No léxico do adulto quem dorme muito é chamado *dorminhoco/a*, sendo esta e não outra a forma ouvida pela criança em seu meio, na chamada língua da coletividade. De onde vem *dormideira*? A resposta não dispensa o alinhamento com outros nomes, nomes que também designam qualidade, como: *faladeira, mexeriqueira*. Nada de totalmente inédito num dado que, melhor do qualquer “acerto”, mostra o processo de captura do sujeito pela ordem da língua. Feito de língua ou “dado de eleição”, estes deixam-nos agora com a pergunta: qual é seu efeito no discurso de que fazem parte?

Aqui é preciso considerar os dois lados do diálogo. Na maior parte das vezes a criança resta alheia à inovação que brota em sua fala. Quanto a seu interlocutor, temos em (2), mais de um: M, a mãe e a irmã de J, de 7 anos. Sem quebra do fio do discurso, numa retomada naturalmente encaixada no diálogo, M repõe a fala de J em que surge *dormideira*, e ela o faz para dar prosseguimento à conversa e não para corrigi-la ou ensiná-la a falar: *Cê é uma/uma dormideira*? Não há nesta fala reparo do tipo: *Não é*

---

<sup>8</sup> Uma tradução para o português ocorreu-me como alternativa: a expressão “ao toque de relações”, que passou a fazer parte da descrição (Figueira 2018a), em trabalhos condizentes com o chamado “retorno a Saussure”.

<sup>9</sup> Nem *pensador*, nem *pensativo*, é com *penseiro* que se expressa o autor para falar do estado de Pedro.

<sup>10</sup> Numa audição de A. Moreira Lima (1991), o pianista mesclava suas execuções ao piano com falas sobre a tradição dos *pianeiros*, aqueles a quem cabia, nas primeiras salas de cinema, entreter o público, tocando antes da exibição do filme. Deixo ao sentimento linguístico do leitor tirar disto as conclusões devidas para a distinção entre *pianeiro* e *pianista*.

*dormideira*, é *dorminhoca* (que se diz), com destacamento dos itens *dormideira* e *dorminhoca*, pelo qual seria possível pensar numa intervenção do adulto, destinada a fazer a criança abandonar a sua palavra pela de uso corrente. M apenas pede confirmação para o que ouve, sem querer obter frutos para uma correção aberta e explícita. É a irmã mais velha, quem fechará o diálogo dizendo: *Cê é uma dorminhoca*, enunciado em que *dorminhoca*, não vindo marcado com entonação especial, fica entre estatuto de signo ordinário (uso) e signo sob menção (autônimo). Certamente ao observador não passa despercebido que a pequena J navega entre as possibilidades de uma combinatória (mais livre?), aberta pela associação latente com nomes que explicam a composição recém-cunhada. Procede de uma criança alheia à novidade que brota<sup>11</sup> em sua fala, traço apto a justificar o ar cândido de que fala Saussure. Surge aqui um subtema interessante: inovação e sentimento de neologia, a ser contrastivamente investigado, na criança e no adulto.

A novidade, quando brota na fala da criança, frequentemente lhe passa despercebida. Despertaria a atenção de quem ouve a criança, que se deleita ou se inquieta com o achado; do estudioso, se a ele for relatado o achado. Assim, colaborações nos chegam da parte de familiares ou alunos e têm levado ao domínio dos nomes de profissão. Menciono duas: (3) Al. *Mãe, quando eu crescer quero ser desenhora* (3;9.21), registrado quando a pequena saudava a primavera com um desenho<sup>12</sup> e (4) De. *Quando crescer quero ser cabeleirista*, registrada aos 3 anos da menina. Colecionando exemplos das aspirações de quem tem três ou quatro anos, chegamos a falar numa “ciranda de sufixos”, nos nomes registrados no contexto o-que-vou-ser-quando crescer<sup>13</sup>. Na elaboração teórica de De Lemos (2002), são exemplos da *segunda posição*, em que a fala da criança, afetada pelo funcionamento da língua, nos brinda com achados que podem soar ao adulto mais (ou menos) previsíveis<sup>14</sup>.

Neste ponto, é possível abrir o leque de designações atestadas na literatura geral da área. Para “aquele que faz”, notáveis são as que chegam de Sully (2000: 168): *lessoner*, em lugar de *teacher*; *limarcier* (port. *lesmeiro*), uma autodesignação pela qual um menino “dignificava sua tarefa em recolher lesmas [fr. *limace*] no jardim”. Figuram ao lado de outras, da pesquisa atual, como a ocorrência em primeira pessoa (Clark 2009: 271): *I’m gonna RUN, and RUN and RUN, ‘cos I’m a BIG RUNNER*.

Quando o foco é o português, em falas espontâneas, nosso destaque fica para um ato de fala de J, aos 4;6.28 de idade, deixado para o final. A menina faz à mãe uma recomendação que incide justamente sobre os papéis desempenhados no desenrolar de uma troca verbal, os de falante e ouvinte. Ao notar que sua mãe momentaneamente dela se afastava, a menina faz um pedido: (5) *Mãe, vai falando mais alto que eu sou assistente de faladores*, em que se autoneia, através de uma designação que apanha a ambas como parceiras de uma troca que quer bem-sucedida, ela que é: *assistente (acompanhante, ouvinte...)* de *faladores*. Não é o caso de dizer que a menina profere ou reproduz algo já ouvido, e sim de dizer que ela cria uma denominação<sup>15</sup> que se aplica ao que está acontecendo no momento, um ato de predicação original. A partir de uma ordem, ordem da qual já é cativa.

---

<sup>11</sup> Nos ELG, Saussure, ao falar de inovações chega a usar o verbo *jorrar*, o que destaca a força da analogia que irrompe na *fala*, via relação com outras palavras da *língua*.

<sup>12</sup> Sou grata à mãe de Al, pelo rico material que me pôs à disposição. Grata também à pequena Al.

<sup>13</sup> “Ronde de suffixes”, Figueira 2018b.

<sup>14</sup> Derivados neológicos são, na obra saussureana, indissociáveis da delimitação da unidade linguística, “documento irrecusável” da atividade da língua e sua maneira de proceder (ELG: 159). Do CLG (p. 198), registre-se: “A analogia é (...) forma peremptória de que um elemento formativo existe num momento dado como unidade significativa”.

<sup>15</sup> Consultar Benveniste (1948) para a separação entre *agente profissional* e *autor ocasional*.

Exibimos expressões ou palavras morfologicamente complexas. Entre os dados que desafiam o investigador estão palavras curiosamente encurtadas, em reduções que sacodem os ouvidos do adulto. O que dizer de *o touço* por *o toucinho*? (referida por Claudia Lemos, comunicação pessoal, a quem sou grata). O que emerge na fala da criança pede da teoria tão somente os eixos de funcionamento da língua naquilo que o mecanismo de *mise en rapport* dele solicita, erguendo o véu de associações latentes, por onde passou uma associação (*pouco - pouquinho? gosto - gostinho? bolso - bolsinho?*). A semelhança fônica com outras palavras, associáveis pela terminação, produz um recorte insuspeitado, extra-vagante para “o sentimento linguístico” do adulto. A delimitação de uma unidade rege o corte sobre a porção sonora terminada em *-inho*, tomada como fatia significativa. Para quem escuta a criança, fica a surpresa, ou até mesmo o riso; quanto à criança, pode-se dizer que lhe passa despercebida a novidade criada por ela (*segunda posição*). Haverá situações em que a criança se reconheça falando algo diferente, que desperta um efeito em outrem? Por vezes, sim; e quando tal fato está associado a um acontecimento que detém uma descarga emocional, o fenômeno tangencia o que chamamos chiste.

## 2.2 Ditos engraçados. Quem ri e do que se ri.

Nas ocorrências em que é possível reconhecer um componente de graça (humor), cabe avaliar a posição do sujeito em relação a seu ato de fala. A primeira delas, aqui retomada, tem sua análise ampliada em três pontos: (i) por acrescentar uma consideração relevante sobre o potencial homofônico, semantizável no corpo de uma palavra; (ii) por permitir comparação com ocorrência do material de Al; (iii) por favorecer uma discussão sobre a noção de *posição* do sujeito numa estrutura.

Aos 5;3.16 de idade, A proseava bem à vontade com uma desconhecida na piscina do clube. Pergunta-lhe o nome: *Como você chama?* A menina faz à moça a pergunta uma vez, duas vezes, três vezes, ouvindo-a responder, pacientemente e em bom som: *Dagmar*. Na quarta vez muda o tom de sua fala, que passa de natural (ou neutro) a levemente zombeteiro, disparando: (a) *Ah, Dagmar, não é Dagchão?*

No intervalo entre a escuta reiterada de *Dagmar* e a enunciação que subitamente aproxima tal nome de *Dagchão*, assiste-se ao momento em que a menina ingressa numa indagação cujo efeito é da ordem do cômico. No episódio, a descarga ou o efeito de leve zombaria corre paralelamente ao enunciado iniciado pela interjeição: *Ah, Dagmar*, seguido da pergunta: *não é Dagchão?* – pela qual graças à associação de *-mar* com *chão*, o nome próprio apresenta-se sede de novos significados. Rompido em dois, naquela fala incomum, põe em jogo a alternância: *mar/chão* no ambiente *Dag-*, carreando para a cena o riso ou o desfrute. É importante lembrar que o feito, instantâneo, não é premeditado. Conforme palavras de Freud:

O chiste tem em alto grau a característica de ser uma noção que ocorre involuntariamente. Não acontece que saibamos, um momento antes, que chiste vamos fazer, necessitando apenas vesti-lo em palavras. Temos, antes, um indefinível sentimento, cuja melhor comparação é com uma “absence”, um repentino relaxamento da tensão intelectual, e então, imediatamente, lá está o chiste – em regra, já vestido em palavras. (Freud, 1905: 1158)

No instante em que *-mar*, parte não-significante do nome próprio, se transforma em parte significativa *mar*, aproximável a *chão*, surpreende-se o ponto de virada, que sobrevém à referida “absence”, daí emergindo o dito de efeito chistoso: pelo relaxamento da tensão transcorrida ao longo das sucessivas repetições e pelo (e)feito insólito sobre a matéria significativa. Aproveitando uma brilhante passagem do livro *O Riso. Ensaio sobre o Significado do Cômico*, de Henri Bergson, diríamos que o jogo instaurado nas palavras

“traí uma *distracção* momentânea da linguagem e é por isso, de resto, que tem graça” (1993: 85; grifo do autor).

Detenho-me em consultar a origem da palavra *distrair* de que deriva *distracção*. Do latim *distrahere*, significa: arrastar para diversos lados (Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*). Do sentido desta palavra, retiro o que a mim parece ser crucial para caracterizar a ocorrência chistosa: um desvio para outro lado, rota inesperada que se desencaminha, errante, mas ainda assim *sub-linhada* pela própria estrutura linguística. Entendida desta maneira, a *distracção* está em íntima relação com o esquecimento, o qual propicia o chamado ponto de virada que, no chiste, leva ao riso. Prosseguindo na análise, para o caso de (a), caberia ainda perguntar: o deslizamento de *Dagmar* a *Dagchão* teria sido favorecido pela repetição do nome Dagmar, que retorna quatro vezes no diálogo?

Não é desconhecido o fato de que a repetição pode levar a recortes divergentes na cadeia, ainda mais desafiantes quando tal fato se cumpre no trânsito de uma língua para outra; como na canção Joana Francesa, em que ao cabo de duas ou três repetições do verso *acorda acorda acorda* escutamos outra coisa: *d'accord d'accord d'accord*. A pauta sonora, homofônica, se redefine, fazendo nossos ouvidos serem o ponto de chegada da exploração máxima a que o equívoco da linguagem pode nos conduzir: transitamos de uma para outra língua! O que era um apelo no modo imperativo (*acorda*) passa a ser expressão de assentimento (*d'accord*). Isto, para quem está na escuta da outra ordem que a língua francesa lhe faculta – convite aberto desde o início daquela canção.

Consultando Plínio Barbosa (a quem agradeço), disse-me o colega que o fenômeno pode ser descrito como o sândhi externo: o /a/ pós-tônico de *acorda* se funde com o /a/ pré-tônico do *acorda* seguinte, criando a sequência fônica /akɔRdakɔRda.../, que contempla dois recortes lexicais: *acorda acorda* ou *d'accord d'accord*. A esta descrição, acrescento: a homofonia, atravessando território comum a duas línguas derruba ou suspende limites, borrando fronteiras; alcança com isto a fruição das duas leituras, ao compasso de uma escuta, que faz por des-cobrir sentidos, erguendo o véu de uma matéria semantizável que se cumpre – complacente – na cadeia sonora, tão indeterminada quanto as ideias momentaneamente postas em jogo. Efeito de *distracção* momentânea da linguagem. O equívoco é o lugar em que os signos se embaralham<sup>16</sup>.

Voltemos à criança. O cenário da infância oferece acontecimentos como: (b) *cabeceiro*, nome dado por Al ao *travesseiro*, ocorrência que enseja uma aproximação com a designação *tête d'oreiller* (por *taie d'oreille*), incluída por Henri Frei (2011: 61), em *La Grammaire des Fautes*, entre as chamadas etimologias populares<sup>17</sup>. Revestindo de um sentido – digamos, semanticamente motivado – *cabeceiro* (em lugar de *travesseiro*) chama a atenção do adulto que pode até rir ou então se convencer de providencial renomeação, mas Al, ao falar como falou, não “usufrui” do “jogo” que se instala em suas produções. Surpresa ou prazer restam a quem a escuta, “saboreando” a inovação que emerge na fala da criança. Se Al não se dá conta do efeito que produz no interlocutor, já em (a) *Dagmar-Dagchão*, testemunhamos um material adequado para expor uma posição distinta da criança em relação ao *dictum* e ao dizer. Pelo tom brincalhão ao final do diálogo, constata-se que A se compraz com o dito jocoso, instaurado no nome próprio por ela ressignificado<sup>18</sup>, e em tal caso pode-se dizer que há, *a posteriori*, uma escuta para o

<sup>16</sup> A ideia de *jogo* – item cujo emprego é abundante em Saussure – alcança na matéria fônica disponível, recortes de entidades (linguísticas) que desconhecem fronteiras entre línguas.

<sup>17</sup> Afetadas ambas por *associações*, etimologias populares e analogias, constituem, para Saussure, fenômenos considerados distintos, tema reservado a artigo futuro.

<sup>18</sup> De opaco, o nome próprio passa a alvo de um giro de semantização, no nome da pessoa. Postos em *linha*, na estrutura *linear* da palavra, duas entidades: -mar e -chão.

que acaba de sair de sua boca, condizente, na teorização de De Lemos (2002), com a *terceira posição*<sup>19</sup>. O nome próprio, a serviço de um dito espirituoso, expõe o que se pode fazer com a língua. É possível ver, neste episódio, que a menina é capaz de reconhecer a diferença entre o que recebe como resposta da moça e o que devolve a ela, como “instância subjetiva” (op. cit.: 56), marcada por um lugar outro, de onde sua escuta fez nascer um gracejo, o qual, aliás, se faz a partir de um “jogo” com a língua: um trocadilho.

Um episódio de J, aos 3 anos de idade, desempenhará aqui duplo papel: fechar o breve comentário sobre ditos engraçados e introduzir o que virá sobre flexões verbais, um terreno onde o tecido da língua se mostra carregado de fatos importantes.

(6) (Para fazer graça, J chama a mãe de pai)

J. Oi, pai!

M. Por que cê tá me chamando de pai?

J. Ah, eu mudi. [pausa] *Cê mudi... mudou de nome.* (3;2.20)

O episódio dirigido à mãe, chamando-a de pai, não fora um engano. Como está anotado, a troca nos nomes convencionalmente usados, fora “para fazer graça”, indício da *terceira posição*. Ao ser interrogada: *Por que cê tá me chamando de pai?*, responde a menina, com uma interjeição: *Ah*, seguida por: *eu mudi*, fala em que irrompe uma flexão destoante. Ainda presente na sequência depois da pausa (*cê mudi*), é logo submetida a reformulação: *Cê mudi...mudou de nome*. No ponto em que J “tropeça” na forma verbal (*mudi* em lugar de *mudei*), o fato está a sugerir *segunda posição*, lugar de flutuação de marcas na conjugação de verbos regulares.

Na contramão da maior parte dos estudos, nossa pesquisa contemplou uma margem significativa de erros sobre verbos regulares, guiada pela forte evidência de flexões destoantes neste domínio<sup>20</sup>. Hoje a possibilidade de tratar tal segmento, com a inclusão de reformulações, através do aparato saussureano, leva-nos a uma ampliação da discussão, a ser feita na seção seguinte.

### 2. 3. O verbo em flexões destoantes. Variação e declínio da variação. Sua volta no lapso.

Com base nos *corpora* de dois sujeitos, defendemos a ideia de que a flexão divergente em verbos deixa-se descrever como fenômeno de um estado ímpar de língua, visível em ocorrências que exibem, não apenas verbos irregulares em formas regularizadas (*fazi, sabo; cabeu; dizeu*), mas principalmente a variação na flexão dos “bem-comportados” verbos regulares, exposta em produtos destoantes.

A flutuação entre desinências verbais permitiu enxergar uma combinatória que vai contra uma explicação através de padrões escalonados de extensão de um modelo, via “substituição de regra” (*rule replacement*). As desinências apresentam-se deslocadas e fazem o verbo mudar de feição morfológica, ao sabor de alinhamentos que se dão a partir do domínio latente (elos associativos) ou presentes (cadeia contígua da fala). Os “erros” convivem com formas corretas, muitas vezes na mesma sessão, ou até no mesmo turno de fala, fato que levou à conclusão de que “sua ocorrência não decorre do funcionamento

---

<sup>19</sup> Útil recordar da passagem de Freud que é *a posteriori* que se dá o reconhecimento da qualidade jocosa do dito. Repõe-se o aspecto de não-premeditação do chiste: “Não ocorre que saibamos, um momento antes, que chiste vamos fazer”.

<sup>20</sup> A pesquisa sobre os lineamentos das conjugações verbais começou com um número limitado de achados e teve retomadas, culminando com cerca de oitenta ocorrências. Neste artigo, agregamos à análise deste segmento empírico o efeito de estranhamento na interlocução.

cego de uma regra, que se aplicaria atingindo todos os alvos” (Figueira 2010: 129). Não se conformam os erros, nos *corpora* examinados, a um único padrão unificador, de maneira previsível.

Qualificamos tais ocorrências de “mosaico de peças fora de seu lugar”, sem, contudo, ignorar os verbos irregulares. Duas falas, ambas contendo o verbo fazer, registradas no diário de J servem aqui de convincente exemplo de que a flutuação entre sufixos, documentadas no mesmo dia, *fazeu* e *fazou*, mostram que o fato a ser tematizado não é apenas a regularização de um verbo irregular, mas a variação nas desinências, ora de 1<sup>a</sup>C (*fazou*), ora de 2<sup>a</sup>C (*fazeu*), em enunciados na terceira pessoa.

(7) (ao ouvir forte ruído, J informa à mãe o que se passou)  
J. *Fazeu barulho, mãe* (glosa: fez barulho, mãe) (2;7.1)

(8) (depois de fazer xixi, J conta à mãe)  
J. *Fazou* (xixi) (glosa: fez xixi). (2;7.1)

Acrescentam-se dois novos exemplos, para explorar as relações que subjazem a outras ocorrências. Um deles é um comentário sobre a mãe: (9) A. Mamãe não *sabe dirijá*. (2;10). Na cena doméstica, a criança ocupa seu turno de fala, proferindo um enunciado, cuja forma verbal apresenta um verbo de 3<sup>a</sup>C na forma de 1<sup>a</sup>C. De onde veio *dirijá*? Podemos supor que esta formação – de que há mais de um registro (*mamãe tá dirijando...*, *Eu vou dirijá*) – repousa sobre uma relação associativa (latente) com *guiar*, verbo que se usa no mesmo contexto, para falar da mesma ação. Produzido sem hesitação, se este causa surpresa ao seu ouvinte, na criança passa sem o menor sinal de que ela tenha consciência da sua produção divergente. *Segunda posição*.

Outro exemplo é um excerto em que J é instada a repetir o que disse. Com isso oferece ao investigador a oportunidade de refletir sobre os rumos que sua reformulação assume no turno seguinte. Veja-se abaixo:

(10) (Dizendo para a mãe o que tinha feito com a chave)  
J. Eu não *escondei*.  
M. O quê?  
J. Eu não *escondava*. Eu não *escondi*. (2;10.29)

A situação envolve a busca de uma chave, preocupação da mãe que fala sobre isso com a filha. Retirando-se da responsabilidade sobre o sumiço da chave, J informa: *Eu não escondi*. O verbo surge alinhado com um verbo de 1<sup>a</sup>C, na forma do perfeito (*escondei*). A mãe, surpresa, indaga: *O quê?* A menina, no segundo turno, oscila entre *eu não escondava*, como se fosse um verbo de 1<sup>a</sup>C no imperfeito, e *eu não escondi*. A indefinição é a marca deste episódio, em que se alternam marcas flexionais de 1<sup>a</sup>C e de 2<sup>a</sup>C. Caberia associá-lo à prevalência da *segunda posição* pela presença de formas inusitadas, formas pelas quais, naquele estado de língua, a flexão do verbo oscila, antes de chegar a: *Eu não escondi*. O fato geral a ser observado é uma flutuação nos valores associados à forma verbal.

Um novo excerto de diário de J se soma aos anteriores, instigante quanto ao fato e ao efeito na interlocução. Foi anotado aos três anos da menina, no contexto em que surge o verbo *caber*, usado para falar de um item do material escolar colocado numa pasta; a mãe duvidava que coubesse; a menina anuncia: *Cabeu, mãe*. Na sequência, uma correção explícita na fala da mãe.

- (11) (J coloca o apontador dentro da pasta)  
J. *Cabeu, mãe.*  
M (corrigindo). Não é cabeu, é “coube”.  
J. *Coubeu.* (3)

Qual a conclusão a ser extraída da resposta de J, após correção de M? *Coubeu*, proferido com alteração na terminação (*coubeu*), permite aventar que a marca gramatical que, ao falante adulto se encerra na alternância na raiz do verbo (*cabe* se opõe a *coube*), no percurso de J com a língua, aos 3 anos de idade, não foi “suficiente” para corresponder a seu estado de língua. Neste, a terminação é o lugar gramaticalmente relevante, de acordo com o que este episódio nos indica.

Estamos frente a um quadro que exhibe a criança em seu processo de se constituir como falante, e o adulto, seu interlocutor, de seu lado, sujeito aos efeitos de uma fala divergente. Há nos *corpora* disponíveis, reparos explícitos e outros apenas indicados através de um *hein*, marcador de estranhamento. Vejamos o que se passa no diálogo que buscamos em Pereira de Castro (1992). O episódio abaixo é uma troca de falas entre Da e a investigadora, numa situação em que a menina, atenta ao que se passara no trânsito, ocupa seu turno, proferindo uma construção contrafactual (a).

- (12) (em diálogo com a investigadora que tinha batido levemente o carro, a criança pergunta se amassou, ouve a resposta que não)  
Da. *Se batesse, massia* (= amassava). (a)  
Inv. Hein?  
Da. *Se batia, massia.* (b) (3;9)  
(a partir de Pereira de Castro 1992: 282; retomado em Figueira 2011: 3908-9)

Sensível à interrogação da investigadora, Da se dispõe a falar de novo, mas o que ela escuta como passível de “ajuste” é justamente o que não pede correção. Ao reformular o enunciado: *Se batesse, massia* (a), permanece *massia* e *batesse* vai para *batia*: *Se batia, massia* (b). Diríamos que, na passagem de (a) a (b), a fala de Da é afetada por uma aproximação entre significantes da cadeia da fala, ao modo de uma assonância/ressonância que se faz presente, alterando-se o segmento anterior da sequência, que resulta – como poderíamos dizer, abusando um pouco do termo – numa rima interna. Nada que o mecanismo da língua não explique, neste instável ou deslizante estado de língua da infância, sujeito a harmonizações na cadeia linear.

Numa idade próxima à do episódio acima, Da, dialoga com a mãe.

- (13) (dirigindo-se à mãe)  
Da. Nós num durmimo de dia. Sabe por que? Porque nós *sabimo* que é de noite que a gente dorme, não de dia. Porque se a Ra dorme de tarde ela me enche o saco de noite.  
(4;0.22; apud Pereira de Castro 1992: 184)

A menina presta adesão a uma norma da casa que inclui sua irmã menor, dizendo, no plural: *Nós num durmimo de dia*. (...) *Porque nós sabimo que é de noite que a gente dorme*. Trata-se de uma justificativa, bem apontada por Pereira de Castro, a qual encerra, a nosso ver, um atrativo a mais: *nós sabimo* (por *nós sabemos*), exhibe o emparelhamento contingencial com *nós durmimo* – relação *in praesentia*, de que *sabimo* é efeito. Neste

estado instável de língua, deslizamentos como (12) e (13) fazem ver uma face da *posição* do sujeito numa estrutura, sujeita a variação.

Passamos agora a um dado inédito de A1, notável pela forma assumida pelo verbo beber, quando a menina lembra o que fazia quando bebê. Num item de formação complexa, em lugar de *bebia*, surge *bebevo*.

(14) A1. Quando eu era bebê eu *bebevo* leite do peito. (3; 0,10)

Neste caso, seria possível considerar uma relação associativa pautada pelo sentido com *tomava* (ou *mamava*, presumível forma latente), da qual *bebevo* retém indício no imperfeito *-va*, alterado *-vo*, para marca de primeira pessoa. Mas também – como parece adequado supor – a forma *bebevo* guarda uma relação de assonância, *in praesentia* com a palavra *bebê* (*quando eu era bebê*), vizinha na cadeia linear. Formação complexa, que mereceu registro no diário da menina, assegurando sua inclusão neste trabalho, ao lado das demais, no comentário abaixo.

Dispomos, em (7)-(14), de uma amostra representativa de um estado de língua em que as combinações, no corpo das formas verbais, apanham entidades que escapam à desinência esperada/cabível para o radical; tocam, desta maneira, em limites consolidados da língua<sup>21</sup>. Na produção da criança alternam-se entidades linguísticas que flutuam naquela distribuição morfossintática: recordemos (10), em que a fala de J dá sinais de variar em mais de uma direção. Estado de língua, cujos produtos, alheios a vínculos restritivos de co-ocorrência entre radical e sufixos, não se fecham em classes mutuamente excludentes. Numa palavra, refletem um quadro aberto por relações que expõem o caminho que o signo pode assumir numa rede potencial de relações frouxas, lassas, movimento em que desenham-se os lineamentos das conjugações verbais em português. Os cortes, note-se, não ocorrem em uma parte qualquer, mas no lugar onde se aloja uma desinência entre aquelas que flutuam na rede de relações possíveis. Recordando aqui passagem do CLG (p. 174; ed. Payot): instalam-se num arcabouço em que “flottent dans la série indéfinie des rapports possibles”.

(...) les termes d'une *famille associative* ne se présentent ni en nombre défini, ni dans un ordre déterminé. (...) Un terme donné est comme le centre d'une constellation, le point où convergent d'autres termes coordonnés, dont la somme est indéfinie. (grifo nosso)

Como sabemos, o “erro”, enquanto constitutivo do processo de aquisição da linguagem, é tema recorrente na literatura da área, e dependendo do pesquisador, recebe uma interpretação que acentua a (re)organização. Nosso exemplário permite enxergar o funcionamento da língua, aberto a uma latitude de associações que atesta um estado instável quanto ao agrupamento em classes formais. Neste quadro, “erros” serão vistos, como produtos de um movimento dinâmico que dá a conhecer o alcance das relações. Somente uma teorização aberta pela afirmação de que “(la langue) passe son temps à interpréter et à décomposer ce qui est en elle” (CLG 1989, éd. critique Engler: 386), é capaz de absorver a empiria complexa dos anos da infância, exposta em falas que dão sinais de variar, ao toque de relações contingenciais, não-convergentes com as do adulto. Há variação em falas de um mesmo sujeito, num mesmo dia: (7)-(8) supra. Primeiro ponto.

Um segundo ponto a ser mencionado vem de uma investigação comparativa: ocorrências encontradas no percurso de um sujeito nem sempre são as mesmas registradas

---

<sup>21</sup> O produto diverge – para usar uma expressão do CLG – “da língua da comunidade”, em produções inusitadas.

em outro. Diferenças de percurso mobilizariam então do pensamento saussureano a ideia de que o mecanismo, aberto por relações associativas, admite “ordem indeterminada e número indefinido” (CLG Saussure 1971:147). Explorar esse espaço de relações entretecidas, no percurso pela língua materna, contribui para a singularidade deste movimento, próprio dos anos da infância, capaz de articular língua e fala, no cenário da interação adulto-criança.

A amostragem incluiu crianças observadas durante o período de constituição do Projeto de Aquisição da Linguagem, coordenado pela prof. Claudia Lemos, que formou uma equipe atenta à não-higienização dos *corpora*. Disto resultou uma prática sensível a captar aspectos da trajetória da criança com a língua, na qual não se penetra sem "tocar com o dedo o jogo do mecanismo linguístico" (CLG: 192). Esta qualidade, aceita em muitas discussões, assume para cada pesquisador um ângulo de abordagem, permitindo (Carvalho 2005) que se explore o deslocamento do investigador face à fala da criança. A base de dados de que disponho, tem me levado a excertos da criança, predominantemente na *segunda posição*, isto é, enredada no funcionamento da língua(gem), excertos que nos fazem ver um quadro que excede os limites relativamente estáveis da língua do adulto.

Para encerrar, segue um achado<sup>22</sup> que envolve o verbo *trazer*, cujo emprego (tal como *levar*) requer situar pontos de referência espaciais, fundados na enunciação.

- (15) (Relembrando uma festa de aniversário, o foco da conversa recai sobre uma menininha; e sobre o que A se dispõe a fazer algo no dia seguinte)  
A. *Amanhã eu vou trazá aquela bola lá*, num vô dá bola prá ela, não. (a)  
M. Por que cê não gostou daquela menininha?  
A. Porque o vestidinho ela feia. (3; 3.20)

A presença do advérbio *lá* deixa claro que A faz referência àquilo que vai fazer no dia seguinte: deslocar-se para longe do contexto em que ela se encontra; portanto, seria esperado *levar* (não: *trazer*) a bola. No enunciado: *Amanhã eu vou trazá aquela bola lá*, é possível pensar um cruzamento no eixo da seleção, entre *trazer* (o item manifesto) e *levar* (o item em associação latente), um recebendo a marca formal do outro. Movimento pelo qual *trazer* torna-se momentaneamente *trazar*, naquele cenário marcado pela instabilidade do léxico: *trazer* torna-se episodicamente *trazar*. Mas, completemos: não fica descartada a relação, em presença, entre o verbo *trazá* e a palavra *lá*, efeito de assonância entre elementos muito próximos na cadeia sintagmática. Nossa explicação fica entre as duas possibilidades que, aliás, não se excluem necessariamente. Ainda caberia um comentário final. Um leitor a quem fosse apresentado este extrato estranharia o *trazar*. Mas, na cena da qual participei como interlocutora, *trazar* não chamou minha atenção, a conversa prosseguindo com foco na menininha. Assim caminham muitos dos diálogos do dia a dia das crianças. Os pais não se detêm em ensinar a criança a falar. Eles falam com a criança, e boa parte dos chamados “erros” passa sem correção. O processo de aquisição caminha por si mesmo<sup>23</sup> e se sustenta num sistema autônomo de relações internas. Neste ponto, é fundamental considerar uma passagem de De Lemos:

(...) a mudança ou “desvio” inicia-se na fala ou como “fait de parole”, enquanto evento acidental, contingente, sua transformação em “fait de langue” (Saussure op. cit., pp. 138-139) se dá, não apenas pela adoção da comunidade - através de processos que eu chamaria de identificatórios -, mas pela sua

<sup>22</sup> Foi registrado e a mim repassado, por Gisele Lima, a quem agradeço.

<sup>23</sup> A propósito, leia-se em Milner: “Certes, les règles sont explicables; en particulier, elles peuvent être enseignées, c’est le *factum grammaticae*. Néanmoins, leur validité ne dépend ni de cette explicitation, ni de cette transmission” (Milner 1989: 88; grifo nosso).

absorção pela dinâmica das relações internas que apontam para o funcionamento de um sistema autônomo. (De Lemos et alii 2003: 158; tradução e grifos são nossos)

A parte grifada prepara-nos para considerar os dados sob outro ângulo: exuberantes num determinado momento, as flexões destoantes apresentam um declínio, fato empírico a sugerir que o processo (aberto por relações variadas), caminha para mudança, estruturação que encerra valores com certo grau de estabilidade, na direção da fala do adulto.

Se os estudiosos na área Aquisição de Linguagem (entre os quais me incluo) muito se empenharam em mostrar que há uma instância em que as “amarrações” que unem raízes a sufixos não estão estáveis, aflorando em estado de exuberância, existe a da convergência com a fala do adulto, a qual exige que se fale em *perda*, particularmente sensível no domínio da flexão verbal. O verbo deixa de ser pouso de muitas flexões e assume a marca que define seu funcionamento dentro de um agrupamento formal e não em outro. Trata-se de deixar um estado de língua (lasso ou frouxo em relações) para passar a outro. Explora-se o papel do esquecimento<sup>24</sup>, por exemplo, quanto aos sons que desaparecem na passagem do balbúcio para os sons da língua materna. O que dizer dos fatos morfológicos que, na trajetória da criança com o português (língua materna), sofrem mudanças? O declínio das formas destoantes, no trajeto da criança com a língua, corresponde à mudança estrutural em direção a certo grau de estabilidade, coincidente com a fala do adulto. As formas desviantes decrescem e conhecem um estado de relativa estabilidade<sup>25</sup>. Se podemos falar em declínio ou queda<sup>26</sup> da flexão transbordante, está indicado caracterizar o fenômeno como esquecimento estrutural, já que se presta a descrever o resultado de uma mudança que decorre de forças atuantes, em solidariedade sincrônica, na direção da fixação de valores. As formas que povoaram o território da fala de A, J, Da e Al: *dirijá, escondava, mudi, massia* (e tantas outras), vão para a sombra, uma região recôndita, efeito de um esquecimento estrutural.<sup>27</sup> Neste lugar, ali jazem, e só retornam no lapso do adulto<sup>28</sup>.

Se o lapso existe é, por tocar numa região onde as relações conheceram (ou ainda: podem conhecer) uma relação de combinação que, momentaneamente, desconhece ou desobedece a uma ordem estabelecida. Neste ponto, interessa mencionar um *lapsus*

---

<sup>24</sup> Sobre a noção, ver Pereira de Castro (2010). Apoiando-se em Milner (1988), escreve que o inconsciente é ao mesmo tempo a sede e a causa do esquecimento.

<sup>25</sup> Explicamos o grifo sob *relativa*: como ensina Saussure (CLG: 195), o estado de língua não é imutável: “em nenhum momento um idioma possui um sistema perfeitamente fixo de unidades.”

<sup>26</sup> Etimologicamente, como ensina Bueno de Sequeira (1954: 49), *esquecer* contém o verbo cair: *escadescere* (ex- cad - e - sc - ere) → escaescer → esquecer. Agradeço o colega Valdir Flores pela indicação deste autor.

<sup>27</sup> Justifica-se a especificação *estrutural*: a mudança baseada na ordem sincrônica é regida por *valores* que emanam do sistema. A que envolve *dirijar - dirigir*, foi assim apresentada (Figueira 2018a: 171):

“(...) *dirijar*, que ao tempo dos erros refletia uma associação semântica (presumida) com *guiar*, reaparecerá *dirigir*, refeita, ao convergir para aquelas entidades que, solidárias pela forma, com ela se alinham, num funcionamento que convoca da *étoile associative* seu potencial para explicar tanto o “erro” (enquanto foi episodicamente *dirijá*), quanto o “acerto” (que se lhe advém). Ao convergir para seus análogos *formais*, fixa-se um valor dentro do sistema, compatível com o estado de língua “depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade” – para continuar com Saussure”.

<sup>28</sup> O leitor encontrará no número anterior de *Cadernos de Estudos Linguísticos* (vol. 64) um estudo acerca dos aspectos fonológicos dos lapsos de fala, estudados por Macedo Balduino, Freitas e Espadaro (2022). No contexto de discussão deste artigo (recheado de formas flexionalmente divergentes na infância), o desafiante *lapsus linguae*, incidindo na fala de quem já passou da infância, tocou-nos de maneira particularmente intrigante: encerra uma troca de sufixos, que não dispensa o pesquisador de considerar seus efeitos.

*linguae*, flagrado na minha própria fala: *Daí eu descei e falei com ela*, registrado numa nota de rodapé (Figueira 2003: 499). Numa irrupção momentânea, *descer* (verbo de 2.<sup>a</sup>C) foi produzido com a flexão de *falar*, que se lhe segue no enunciado; quanto a *falar*, este recebeu a flexão de *descer*. Na troca mútua das subunidades de que se compõem as formas verbais, um lapso, para surpresa e espanto de quem, *a posteriori*, se escuta.

Para fins de caracterizar tal acontecimento, podemos começar, legitimamente, pelo efeito na cena em que emerge. Flagrado num deles, o adulto não sabe explicar como se deu, apressando-se a corrigi-lo, constrangido pelo que lhe escapa ao saber. Ao dar-se conta do deslize (por si mesmo ou, eventualmente, alertado pelo interlocutor), aflora seu sentimento linguístico (condizente com *descei* e *falei*, respectivamente). O espanto pelo produto: *descei* e *falei* – escorregão de língua – é, então, proporcional ao feito que se encarrega de revelar: uma combinação esquecida da língua<sup>29</sup>. Abre-se uma janela para uma aproximação com aquelas da infância, ao tempo dos lineamentos cambiantes das conjugações verbais, momento em que – é relevante destacar – os “erros” das crianças, como visto, nem sempre são percebidos como tais pelos pequenos. Por sua variedade e abundância, cedo nos interessaram enquanto testemunho inegável de uma face peculiar do jogo da língua nos anos da infância.

Desta observação, passemos a outro ponto, destinado a situar, neste apanhado final, uma afirmação na linha das ideias acerca de: mudança, perda, esquecimento, aplicadas ao trajeto do *infans* a falante. De Lemos (2006: 31) fala em obliteração, atenta ao fato de que “nenhuma das relações estruturais [discutidas no artigo] deixa de comparecer na fala adulta, que está longe de se manter homogênea”. Acrescenta (id. ib.): “dizer que relações estruturais são submetidas a um processo de obliteração não quer dizer que elas tenham sido apagadas”, finalizando com a bela imagem: “(...) a lua permanece visível mesmo sob a sombra da terra”. Nesta perspectiva, é possível supor que formações esquecidas/obliteradas retornem como *lapsus linguae*. O exemplo de minha própria fala entrou para dar conhecimento daquilo que, em linguagem corrente, recebe a designação de um “escorregão” de língua. Pouco frequente, mas não sem importância na descrição linguística<sup>30</sup>.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar a análise do “erro” a partir da contribuição de Saussure, este trabalho não faz apenas o elogio da variação como território das formas possíveis que habitam o universo da linguagem na infância. Desse assunto numerosos estudos já se ocuparam, ressaltando particularidades da fala da criança, notadas antes mesmo do nascimento oficial da área. Além desse aspecto, que encarece a heterogeneidade e a divergência, nosso artigo acenou para outro, a ser abordado dentro da mesma tradição que remonta a Saussure: a convergência a uma ordem relativamente estável que acontece, efeito da língua sobre ela mesma. No domínio da flexão – último segmento analisado – ser capturado pela língua compreenderia tanto o momento da circulação de peças em combinações “destoantes” quanto aquele correspondente a uma organização que, estendida aos objetos linguísticos suscetíveis de serem assimilados ao estado relativamente estável de solidariedade sincrônica, é empiricamente atestado, através de um declínio da variação. Contudo, esta não elimina,

---

<sup>29</sup> Reponho aqui a expressão usada por Maria Teresa Lemos (1994), ao se referir ao erro.

<sup>30</sup> Uma abordagem plena da linguagem não deixa de fora lapsos e chistes. O lapso causa estranhamento ao falante, pela falha que não sabe como explicar. No chiste, aquele que o produz, cede a um desvio, num movimento de “arrastar para o lado” (cf. seção 2.2, etimologia de *distrain*), que encontra de repente na língua a produção de um efeito inesperado.

como se viu, a possibilidade do lapso, eventual irrupção de uma forma esquecida, que ressurgiu deste recôndito de formas – como diríamos, lançadas na sombra – ou, como refere De Lemos, eclipsadas.

A importância da pesquisa, atenta ao despontar da flexão divergente na infância, está no fato de que ela descortina ao investigador achados de um momento exuberante de variação, a expor certo número de formas, cuja produção quando chega a nossos ouvidos (de adultos) soam estranhas, parecendo algo que conhecemos de algum lugar! Lugar recuado na sombra, em regiões recônditas, a que fala da criança nos instiga – enquanto estudiosos – a dar a conhecer ou reconhecer. A relevância de tais aspectos foi se colocando há algum tempo. Entre nós, um colega, Lourenço Chacon, ao ler uma publicação (Figueira 2012), em que abordamos temas comuns ao do presente artigo, reconheceu tal movimento<sup>31</sup>, e assim deixa-nos à vontade para declinar este, como um dos caminhos da investigação. Em nosso horizonte empírico, a inclinação para novidades languageiras, aquelas que afloram, no frescor das improvisações derivacionais, em bem-comportadas inovações (*assistente de faladores*), ou aquelas que nos sacodem em combinações gramaticais insuspeitadas (*escondava, coubeu, mudi*), foi entusiasticamente seguida. Afinal é isto que torna a fala da criança marcante, e de modo tal que o valor deste recorte se impõe não só pelos fatos que se prestam a expor quanto pelos seus efeitos – como esperamos ter mostrado, ao longo da exposição. Resta dizer que, em torno de tais questões despontaram outras, que certamente restam para ser melhor exploradas, desafios tão grandes quanto estimulantes para mais aprofundadas discussões.

## REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. *Noms d'action et noms d'agent en indo-européen*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1948.
- BERGSON, Henri. *O Riso. Ensaio sobre o Significado do Cômico*. Lisboa: Guimarães Ed. 2.a ed., 1993.
- BOUQUET, Simon. *Introdução à Leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BUARQUE de HOLANDA, Francisco. *Música Popular Brasileira*. São Paulo: Abril S. A., 1970.
- BUENO de SEQUEIRA, Cônego F. M. *A Ação da Analogia no Português*. Rio: Organização Simões, 1954.
- CARVALHO, Glória Monteiro. Questões sobre o deslocamento do investigador em Aquisição de Linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 47 (1) e (2), 2005.
- CHACON, Lourenço. Do Previsível ao insólito, do cômico ao desconcertante, do curioso ao poético: a fala infantil, in DEL RE, A. e ROMERO, M. (orgs.): *Na Língua do outro: estudos interdisciplinares em aquisição de linguagens*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, p. 27-31, 2012.
- CLARK, Eve. *First Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2.a ed., 2009.
- COUTO, Mia. *Cronicando*. Lisboa: Caminho. 7.a ed., 2003.
- DE LEMOS, Claudia Thereza Guimarães. 1992. Los Procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. *Substratum*, 1, p. 121-135, 1992.
- DE LEMOS, Claudia Thereza Guimarães. Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem, *Letras de Hoje*, vol. 30, n. 4, p. 9-28, 1995.
- DE LEMOS, Claudia Thereza Guimarães. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, vol. 42, p.4-69, 2002.
- DE LEMOS, Claudia Thereza Guimarães. et alii. Le Saussurisme en Amérique Latine au XX<sup>e</sup> siècle, *Cahiers Ferdinand de Saussure* 56. Droz, p.165-176, 2003.
- DE LEMOS, Claudia Thereza Guimarães. (). O erro como desafio empírico a abordagens cognitivistas do uso da linguagem: o caso da aquisição de linguagem, in ALBANO e alii (org.): *Saudades da Língua*. Campinas: Mercado de Letras, p. 515-533, 2003.

<sup>31</sup> Escreve o colega: “O que o texto de Figueira permite (...) recuperar é a memória do que fomos/somos – sujeito que, ao se surpreenderem com os enunciados da criança: se veem novamente às voltas (como quando crianças) com as potencialidades da língua nos enunciados; colocam-se numa posição de escuta [da língua] de um lugar outro (como diria Claudia de Lemos); e exploram os efeitos dessa outra escuta na ciência”. (Chacon, 2012: 29-30).

- DE LEMOS, Claudia Thereza Guimarães. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição da Linguagem, in: LIER DE-VITTO, M.F. e ARANTES, L. (org.): *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. São Paulo: Editora PUC-SP/FAPESP, 2006.
- DELEFOSSÉ, Jean-Marie Oderic. *Sur le Langage de l'enfant. Choix de textes de 1876 à 1962*. Paris: Editions l'Harmattan, 2010.
- FIGUEIRA, Rosa Attié. Erro e enigma na aquisição da linguagem. *Letras de Hoje*. vol. 30(4). Porto Alegre. p. 145-162, 1995.
- FIGUEIRA, Rosa Attié. A Aquisição do paradigma verbal do português: as múltiplas direções dos erros, in: ALBANO e alii (org.): *Saudades da Língua*. Campinas: Mercado de Letras, p. 479-503, 2003.
- FIGUEIRA, Rosa Attié. O que a investigação sobre o erro na fala da criança deve a Saussure. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, vol. 52, n. 1, p. 115-143, 2010.
- FIGUEIRA, Rosa Attié. Perguntas e réplicas: sua complexidade no diálogo adulto-criança. *Actas XVI Congreso de la ALFAL*. Cestero, Molina e Paredes (org), p. 3903-3912, 2011.
- FIGUEIRA, Rosa Attié. A Fala da criança em dois recortes: a pesquisa e a ficção, in DEL RE, A. e ROMERO, M (orgs.), *Na Língua do outro: estudos interdisciplinares em aquisição de linguagens*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, p.73-98, 2011.
- FIGUEIRA, Rosa Attié. Em torno da analogia: a contribuição de Saussure para a análise da fala da criança. *ProLíngua*, 10, 1, p. 174-189, 2015.
- FIGUEIRA, Rosa Attié. *Toucher du doigt le jeu du mécanisme linguistique* : investigando a língua em movimento na fala da criança. *DELTA*, 34,3, p.143-176, 2018a.
- FIGUEIRA, Rosa Attié. La langue en mouvement: ce que la théorisation sur les occurrences divergentes doit à Saussure. In: GAMBARARA, D. e REBOUL, F., *Le CLG 1916-2016. Le Devenir*, p.1-25, 2018b.
- FREI, Henri. *La Grammaire des Fautes*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2011[1929]
- FREUD, Sigmund. *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. Edição brasileira das obras completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1905].
- JESPERSEN, Otto. *Language: its Nature, Development and Origin*. Nova York: WW. Norton & Company, 1968 [1922].
- LEMOS, Maria Teresa. *A Língua que me Falta: uma análise dos estudos de aquisição da linguagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- LIER-de-VITTO, Maria Francisca. Língua e discurso: à luz dos monólogos da criança. *Letras de Hoje*, vol. 30, n. 4, p. 45-56, 1995.
- LIER-DeVITTO, Maria Francisca e CARVALHO, Glória Monteiro. O interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem, in: FINGER, I. e QUADROS, R. M., *Teorias de Aquisição de Linguagem*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.
- MACEDO BALDUÍNO, Amanda, FREITAS, Shirley e ESPADARO, Mayara. Aspectos fonológicos dos lapsos de fala: uma análise do processo morfofonológico de *blending*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, vol. 64. p. 1-19, 2022.
- MILNER, Jean-Claude. *Introduction à une Science du Langage*. Paris: Éditions du Seuil, 1989.
- MILNER, Jean-Claude. *Le Périphe Structural*. Paris : Éditions du Seuil, 2002.
- NHATUVE, Diocleciano. Tendências genolexicais em adjetivos neológicos no português de Moçambique. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, vol 64, p. 1-18, 2022.
- PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta. *Aprendendo a Argumentar*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.
- PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta. Saussure e o necessário esquecimento da fala infantil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, vol. 52, n. 1, p. 91-102, 2010.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot. Ed. Tullio de Mauro, 1967 [1916].
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1971 [1916] (= CLG, trad. port).
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004 (= ELG).
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale. Edition critique par Rudolf Engler*. Otto Harrassowitz-Wiesbaden, 1989 [1916] (= CLG ed. R. Engler).
- SULLY, James. *Studies of childhood*. London: Free Association Books, 2000 [1895].

Recebido: 30/5/2023  
 Aceito: 29/7/2023  
 Publicado: 12/9/2023